

## O olhar revelador nos contos “Corujas” e “Os cavalos brancos de Napoleão”, de Caio Fernando Abreu

**SIMONE DAMASCENO GUARDALUPE<sup>1</sup>; MAIRIM LINCK PIVA<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande – [si.guardalupe@gmail.com](mailto:si.guardalupe@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande - [mairimpiva@furg.br](mailto:mairimpiva@furg.br)

**Palavras-chave:** Imaginário, olhar, literatura sul-rio-grandense

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar dois contos do escritor Caio Fernando Abreu: “Corujas” e “Os cavalos brancos de Napoleão”, ambos pertencentes ao livro “*O inventário do Ir-remediável*”, de 1995. Os dois contos apresentam, além de um significativo teor simbólico, uma crítica ao comportamento do homem em relação a temas como o afeto e a generosidade. Além disso, esses textos de Caio Fernando Abreu possuem referências a temáticas bastante presentes em sua produção literária como o materialismo e a solidão na sociedade contemporânea.

Nos dois contos, percebemos algumas simbologias em comum, como a do olhar que revela aos protagonistas atitudes e comportamentos que geram tanto o sofrimento nos próprios personagens quanto no ambiente em que estão inseridos. É ao olhar os cavalos que o protagonista do conto “Os cavalos brancos de Napoleão” percebe que seu comportamento não é diferente do modo de ser de seus parentes, nos quais a riqueza e a ostentação são mais importantes do que o afeto. Já o protagonista do conto “Corujas”, através da observação de seus animais e do olhar que eles lhe “dirigem”, reconhece as atitudes egoístas que o ser humano pode tomar e as consequências que são desencadeadas. É sobre o aspecto da simbologia do olhar que enfocaremos a Teoria do Imaginário para a análise dos dois contos.

### 2. Metodologia

Como principal contribuição teórica para este trabalho temos os estudos sobre Imaginário realizados pelo pesquisador francês Gilbert Durand. A teoria do Imaginário se constitui de um trajeto antropológico que considera os símbolos como um produto das interações sociais, culturais, biológicas e psicológicas do homem: “o Imaginário – ou seja, o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* – aparece-nos denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (DURAND, 2012, p.18).

O livro *O inventário do ir-remediável* – publicado em 1975 e republicado em 1995 - é dividido em quatro partes: “Da Morte”, “Da Solidão”, “Do Amor” e

“Do Espanto”. Os textos selecionados para esse trabalho pertencem à parte intitulada “Da Morte”, e o eixo temático dessa parte se faz presente nos dois contos porque em ambos a simbologia da morte está presente, porém, não de forma negativa, mas como a possibilidade de um novo “re-começo”, ou seja, o que é irremediável ao ser humano passa a ser considerado como uma possibilidade de uma nova fase, como afirmam CHEVALIER E GHEERBRANT (1991, p.622.) sobre uma das simbologias da morte “libertadora das penas e preocupações, ela não é o fim em si mesma, abrindo o acesso ao reino do espírito à vida verdadeira”.

Para o processo de análise também será essencial a leitura acerca da fortuna crítica do escritor Caio Fernando Abreu, pois seus textos refletem muito do que o escritor e a sociedade de sua época vivenciou. Conforme explica CARVALHAL (1996,p.3)

Como narrador urbano, o escritor rompeu os limites geográficos, construindo em seus relatos um imaginário que não é apenas o da província natal, mas o do mundo. Explorando situações existenciais que se convertem em testemunho de sua geração, Caio Fernando abreu soube articular solidão e solidariedade, o individual e o coletivo. Isso porque, ao investigar profundamente o universo subjetivo, transcende o círculo mesquinho do Eu para multiplicar-se em várias figurações.

Caio Fernando Abreu traduz em muitos de seus textos as angústias do homem pós-moderno, e partindo de aspectos como a solidão, o egoísmo, e a fragilidade das relações humanas, o escritor sul-rio-grandense recria o homem e a sociedade simbolicamente como observamos nos contos “Cavalos brancos de Napoleão” e “Corujas”.

## 4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Nos dois contos de Caio Fernando Abreu, percebemos que os protagonistas através do olhar dos animais “percebem” o que está errado em suas atitudes e com o ambiente em que estão inseridos e, a partir desse olhar revelador, os personagens começam um processo de reconstrução interior.

No conto “Cavalos Brancos de Napoleão”, o protagonista Napoleão é um advogado que vive uma rotina de um homem moderno, ele trabalha, tem família e prestígio social. No entanto, ao passar as férias na praia, o protagonista do conto passa a “enxergar” cavalos brancos. Já no conto “Corujas”, temos o relato de um menino que conta como foi a chegada de um casal de corujas e de como foi a convivência desses animais com sua família.

Ao analisar e comparar os dois textos, percebemos algumas semelhanças: no conto “Corujas” o protagonista ao observar o comportamento das corujas passa a projetar no olhar dos animais sentimentos que estão em

seu íntimo como a culpa e a repulsa às atitudes de sua família, já no conto “Os cavalos brancos de Napoleão” há uma projeção no olhar dos cavalos das angústias e da infelicidade do personagem principal. O olhar está associado à busca pela transcendência dos personagens. A simbologia presente nos dois contos em relação ao olhar está associada ao que afirma Durand (2002, p.151) sobre o olhar, que seria o “símbolo do julgamento real, da censura do superego”. Além disso, podemos perceber que o olhar está associado à revelação dos estados interiores dos personagens dos contos e com isso a uma busca de superação de aspectos de suas existências apresentados como negativos.

Sendo assim, ao olhar os cavalos brancos o protagonista do conto “Cavalos brancos de Napoleão” percebe o egoísmo, a infelicidade e a superficialidade das pessoas e das relações:

Mas eles voltaram. Entraram pela janela aberta do tribunal num dia em que ele estava especialmente inflamado na defesa de um matricida. A princípio ainda tentou prosseguir, fingiu não os ver, traição, opção terrível, entre o amor e a justiça, como na telenovela a que sua mulher assistia. Eles não estavam doces. Depois de entrarem pela janela, instalaram-se ríspidos entre os jurados. De onde observavam, secos, inquisidores (ABREU, 1995, p.17)

Já no conto “corujas”, a descrição do narrador-personagem sobre como foram os dias em que o casal de corujas estiveram com sua família e a descrição e interpretação do olhar desses animais em direção aos seres humanos revelam, assim como os cavalos brancos de Napoleão revelaram, o egoísmo do ser humano, além disso, revelam a capacidade do ser humano de manipular vidas para trazer benefícios para si próprio:

Pisquei um olho para elas, rindo da ingenuidade, tentando penetrarem sua intimidade, cada vez mais e mais negada. (...) Secretamente reivindicava para mim seu batismo e posse, investigava almanaques em busca do nome que melhor assentasse. Chamá-las de alguma coisa seria dar um passo a caminho de seu conhecimento, como se sutilmente as fosse amoldando à maneira de desejá-las. (ABREU, 1995, p. 30)

Além da simbologia do olhar, podemos perceber nos dois contos outros símbolos que também podem ser associados com a ideia de revelação e ascensão: os cavalos no conto “Cavalos brancos de Napoleão” e as corujas no segundo conto analisado. Ambos animais possuem simbologias ligadas à morte e à má sorte, mas também possuem a simbologia ligada à ascensão e à clarividência, respectivamente, como explicam Chevalier e Gheerbrant (1991, p. 203) que os cavalos brancos são símbolos da beleza, do domínio do espírito sobre os sentidos. Segundo o texto do Apocalipse, os exércitos do céu cavalgam em cavalos brancos e, em alguns afrescos veem-se miniaturas de anjos montados em cavalos. Sobre o simbolismo da coruja Chevalier e Gheerbrant (1991, p. 293) comentam que a coruja simboliza o dom da clarividência.

Ambos animais simbolizados nos contos possuem uma característica comum: tanto os cavalos brancos de Napoleão quanto as corujas são seres alados. O simbolismo do voo merece atenção especial nos dois casos: no conto “Corujas”, há o impedimento do voo dos animais através da poda de suas asas, o que gerou a infelicidade dos animais e conseqüentemente sua morte. Diferentemente das corujas, Napoleão após olhar os cavalos brancos permite-se abandonar o mundo real, o seu sofrimento e voar com os cavalos pelos céus, ascendendo espiritualmente.

#### 4. CONCLUSÕES

Se o olhar está associado ao julgamento e à censura do superego, como afirma Durand nas *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, e se ele em algumas culturas está associado à revelação tanto de quem olha quanto do objeto que é olhado, torna-se interessante a investigação de como se estabelece a relação deste “olhar revelador” nos dois contos de Caio Fernando Abreu.

Tanto no conto “Corujas” quanto no conto “Cavalos brancos de Napoleão”, percebemos que é através do olhar dos personagens que é iniciado um processo de superação e remediação do sofrimento humano e das atitudes egoístas desses personagens. Essa remediação ocorre seja pela libertação/reparação de Napoleão ao abandonar o luxo, a riqueza e o prestígio social pelos bons sentimentos, ou pelo reconhecimento do egoísmo e da crueldade da família do narrador do conto “Corujas” e pelo sentimento de remorso em relação ao padecimento dos animais.

É ao projetar seus olhares sobre os olhos dos animais que os personagens dos dois contos de Caio Fernando Abreu conseguem perceber o que está em seus subconscientes. Na realidade, não são os animais que “olham” o ser humano fazendo um julgamento sobre suas atitudes, mas são os personagens dos dois contos que projetam os sentimentos que estão em seus subconscientes no olhar dos animais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando. **O inventário do ir-remediável**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- CAIO Fernando Abreu: O cronista do desencanto dos anos 70. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 13 mar 1996. Caderno 3: literatura, p.05.
- CARVALHAI, Tânia Franco. O encantador de serpentes da escrita. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 març.1996.p.03.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT. Alam. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números**. Tradução de Vera de Sá Costa e Silva. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.
- COELHO, Eulália Isabel. **Domínio do Irremediável em Caio: Palavra/Imagem**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 197-217, jan./jun. 2006.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- STYCER, Daniel. Olhar sobre a solidão. Rev. **Isto é**, São Paulo, n. 1427, p. 90, fev.1997.